

Filas e brigas. É a

Na Ceilândia, mães trocam tapas e

DF - Educação

CORREIO BRAZILIENSE Brasília, quarta-feira, 13 de janeiro de 1988 21

matrícula na rede pública

puxões de cabelos para obter vaga no Águia de Ouro

JORGE CARDOSO



Disputa por vagas provoca aglomeração nas escolas, que têm poucos servidores

O Centro Educacional Águia de Ouro, de Ceilândia, transformou-se ontem pela manhã, numa autêntica praça de guerra: algumas mães, inconformadas por esperarem dois dias seguidos para renovar a matrícula de seus filhos, começaram um empurra-empurra que terminou em briga. Tudo aconteceu depois que duas senhoras arrancaram — literalmente — os cabelos em troca de um melhor lugar na fila de espera. Não foi preciso a ajuda da Polícia, pois funcionários da escola conseguiram, meia hora depois, acalmar os ânimos e reiniciar os trabalhos.

— É lamentável que a gente precise passar por este tipo de vexame. Tudo porque a direção da escola não encontra uma forma correta de organizar as fichas de inscrição. Eu mesmo cheguei aqui às cinco horas da manhã e só fui atendido às três da tarde. Não tem quem aguente um negócio destes — comentou revoltado o comerciante Antônio Livino da Silva.

GASTOS

Outra crítica feita por estudantes e pais de alunos do Águia de Ouro, é a obrigatoriedade do pagamento de Cz\$ 50 pela taxa de inscrição, além da necessidade de entregarem, todo ano, cópias de documentos e duas fotos. Revoltados, eles alegam que por serem alunos antigos não precisariam ter este gasto. Djanira Maria de Jesus, teve que pagar pela terceira vez as fotografias de seu filho.

— Se eles perderem os documentos, o problema é deles. Eu não tenho dinheiro suficiente para pagar pelos erros dos outros. Se não bastasse a demora, ainda ficam obrigando a gente a usar nosso mingüado dinheiro.

Comentando tranquilamente o incidente entre as mães dos estudantes, o encarregado administrativo, Imailton Rodrigues Fernandes, acha que se durante o período de renovação de matrícula o clima não foi dos melhores, "pior será, sexta-feira, quando forem iniciados os trabalhos de inscrição dos novos alunos: "Temos vagas suficiente, mas não podemos ensinar as pessoas a terem educação. Eles brigam por qualquer coisa. Depois que falamos que vamos entregar as fichas, o pau começa a cantar".

Em Taguatinga, quadro é igual

O boato de que o Centro Educacional Ave Branca, de Taguatinga, oferecia apenas 500 vagas para o 1º ano do segundo grau, levou quase mil pessoas a pernoitar em frente à escola, de anteontem para ontem. Ao som de violões e toca-fitas, estudantes e familiares aguardavam atentamente a hora de receberem fichas de inscrição. Só depois de um grande tumulto, de manhã cedo, rapidamente contornado com ajuda da polícia, a diretoria explicou que dispunha de 1 mil e 500 vagas.

— Além de termos que enfrentar o problema da evasão de alunos de escola particulares, em virtude da crise econômica do País, nos acontecerá problemas como este. Tentel de todos os modos conscientizar o pessoal de que tínhamos vagas suficientes, mas ninguém acreditava. Felizmente, não aconteceu nada de mais grave. — falou o diretor do Ceab, Yoshio Kimura.

Durante o período de matrícula do segundo e terceiro anos, o professor Kimura espera ter mais sorte. Depois do acidente, exigiu dos poucos funcionários da escola, mais cuidado, para evitar qualquer mal entendido. As inscrições para essas turmas começam dia 26 e prosseguem até 3 de fevereiro, sendo oferecidas 510 vagas para o segundo e 305 para o terceiro. Antes disso, até o dia 21, as pessoas poderão se inscrever no primeiro ano.

FANTASMAS

Desmentindo os boatos de que tinha facilitado a inscrição de "conhecidos", o diretor da escola disse que esse tipo de atitude não o preocupa, por vir de pessoas incoseqüentes. "Esses tais fantasmas não existem" — assegura. Para ele, o mais importante, agora, é que a imprensa comece uma campanha para que as pessoas desinformadas tomem conhecimento da realidade das escolas públicas do DF.

— As escolas realmente estão recebendo mais alunos do que imaginavam. Ninguém pode conter a crise econômica. Uma saída talvez seja aconselhar os pais, e os próprios estudantes, estudarem em escolas de sua região. Recebemos uma quantidade enorme de alunos de Ceilândia, Brazlândia, Gama, Cêu Azul e Valparaíso. Fica quase impossível conter essa demanda.

RISCOS

Para o estudante Reginaldo dos Anjos, "o problema não é bem este". Segundo ele, algumas escolas facilitam a entrada de "estudantes fantasmas", que nem sequer aparecem nas filas. Por isso ele e dois irmãos, não abandonaram a fila em nenhum momento. Se o fizessem, correriam o risco de ter que estudar em outros colégios.

— Aqui mesmo, na Ave Branca, alguns funcionários deixam várias pessoas furar fila na nossa frente. Vi mais de uma vez, e como não sou bobo não arredei o pé da fila. Meu irmão foi em casa pegar comida pra gente, enquanto fica de olho no meu lugar. Quem dá bobeira por aqui, dança.